

REFLEXÃO SOBRE A LÓGICA DA EDUCAÇÃO: UM DISCURSO MARXISTA

Emerson Souza Miler (Unemat/PPGEDU)¹
Profa Dra Ilma Ferreira Machado (Unemat/PPGEDU)²
Profa Dra Marilda de Oliveira Costa (Unemat/PPGEDU)³

Resumo:

A presente produção apresenta um discurso reflexivo sobre a Educação e os seus significados na relação sujeito/objeto, tendo na dialética marxista uma das abordagens possíveis de interpretação da realidade social, e da realidade educacional. O materialismo histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história. Tendo como aporte teórico, além de Marx, autores como Enguita, Frigotto e Manacorda, a reflexão aqui apresentada tem o intuito de discutir, ainda que de maneira breve, o contexto das contradições existentes entre a realidade educacional aparente num paralelo com a realidade educacional concreta.

Palavras-chave: Educação; Materialismo histórico-dialético; Reflexão.

1 Introdução

Para que possamos refletir sobre a lógica da Educação de maneira mais filosófica, é preciso antes refletir sobre os paradigmas de interpretação da realidade e suas

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGEDU, da Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat, campus de Cáceres-MT;

²Professora da disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico em Contextos Escolares e Não Escolares, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat-Cáceres/MT);

³Professora-orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat-Cáceres/MT).

contribuições para o processo educacional e, para tal, há também a necessidade de se perceber na relação sujeito/objeto o foco dessa discussão.

Entender a relação sujeito-objeto é compreender como o ser humano se relaciona com as coisas, com a natureza, com a vida. Dessa forma, para compreensão desse contexto, o mesmo passa a ser tratado à luz do pensamento marxista, mais especificamente na perspectiva do materialismo histórico-dialético.

A dialética que aparece no pensamento de Marx surge como uma tentativa de superação da dicotomia, da separação entre o sujeito e o objeto. É a dialética, como construção lógica do método materialista histórico, que fundamenta o pensamento marxista, que será aqui apresentada como possibilidade de interpretação da realidade educacional que queremos compreender.

O envolvimento com a Educação coloca a necessidade de conhecer os mais variados elementos que envolvem a prática educativa, a necessidade de compreendê-la da forma mais completa possível. Porém, é preciso ser vigilante, visto que não se pode fazê-lo sem um método, um caminho que permita, filosófica e cientificamente, compreender a Educação. Assim, é válido também pensar que se há na Educação uma lógica formal, é porque é dual, separando, assim, sujeito/objeto. Por isso, buscamos no método materialista histórico- dialético o caminho para tal compreensão – afinal, o ponto de vista a partir do qual a Educação é tratada aqui, é o pensamento marxista.

2 Desenvolvimento

O filósofo alemão Karl Marx, economista, jornalista e militante político viveu em vários países da Europa no século XIX, de 1818 a 1883. Na busca de um caminho epistemológico, ou de um caminho que fundamentasse o conhecimento para a interpretação da realidade histórica e social que o desafiava, superou as posições de Hegel no que se refere à dialética e conferiu-lhe um caráter materialista e histórico.

Para o pensamento marxista, importa descobrir as leis dos fenômenos de que a investigação se ocupa; o que importa é captar, detalhadamente, as articulações dos problemas em estudo, analisar as evoluções, rastrear as conexões sobre os fenômenos que os envolvem. Porém, só foi possível percebê-lo a partir da reinterpretação do pensamento dialético de Hegel. A separação sujeito/objeto, promovida pela lógica formal, não satisfazia a estes pensadores que, na busca da superação desta separação, partiram de

observações acerca do movimento e da contraditoriedade do mundo, dos homens e de suas relações.

A lógica formal não consegue explicar as contradições e amarra o pensamento impedindo-lhe o movimento necessário para a compreensão das coisas. Se o mundo é dialético (se movimenta e é contraditório) é preciso um método, uma teoria de interpretação, que consiga servir de instrumento para a sua compreensão, e este instrumento lógico pode ser o método dialético tal qual pensou Marx.

São os homens que produzem suas representações, suas ideias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar [...] E, se, em toda a ideologia, os homens e suas relações nos aparecem de cabeça para baixo como em uma câmera escura, esse fenômeno decorre de seu processo de vida histórico, exatamente como a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico. (MARX, ENGELS, 1989, p. 20-21)

O método dialético que desenvolveu Marx, o método materialista histórico dialético, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis. O termo materialismo diz respeito à condição material da existência humana; o histórico parte do entendimento de que a compreensão da existência humana implica na apreensão de seus condicionantes históricos; e o termo dialético tem como pressuposto o movimento da contradição produzida na própria história.

Dessa feita, o método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade. Ou seja, trata-se de descobrir as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história da humanidade.

Nesse contexto, é necessário pensar a realidade e, para tal, é necessário aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial.

A contradição não é apenas entendida como categoria interpretativa do real, mas também como sendo ela própria existente no movimento do real, como motor interno do movimento, já que se refere ao curso do desenvolvimento da realidade (CURY, 1992, p. 30).

O método dialético com base no que diz respeito à contradição, aponta que o movimento social é constante, operando dessa forma, como agente modificador externo, “todo real é um processo que contém, sem encerrar, o possível numa unidade de contrários”. (CURY, 1992, p.31)

O que se difere entre o empírico (real aparente) e o concreto (real pensado) são as abstrações (reflexões) do pensamento que tornam mais completa a realidade observada. Dessa forma, movimentar o pensamento significa refletir sobre a realidade partindo do empírico e, por meio de abstrações, chegar ao concreto: compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto, objeto síntese de múltiplas determinações, concreto pensado.

O desafio do pensamento é trazer para o plano racional a dialética do real, buscando a essência do fenômeno, aquilo que está por detrás da aparência, ou seja, o caráter conflitivo, dinâmico e histórico da realidade.

Para Frigotto (2001, p. 82), “a dialética situa-se, então, no plano de realidade, no plano histórico, sob a forma da trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção; desenvolvimento e transformação dos fatos”.

Nota-se, assim, que a lógica dialética do método não descarta a lógica formal, mas lança mão dela como instrumento de construção e reflexão para a elaboração do pensamento pleno, concreto.

Ao trazer essa discussão para o contexto educacional, uma grande contribuição do método para os educadores, como auxílio na tarefa de compreender o fenômeno educativo, diz respeito à necessidade lógica de descobrir, nos fenômenos, a categoria mais simples para chegar à categoria síntese de múltiplas determinações. Tal análise do fenômeno educacional pode ser empreendida quando conseguimos descobrir sua mais simples manifestação para que, ao nos debruçarmos sobre ela, elaborando abstrações, possamos compreender plenamente o fenômeno observado.

Assim pode, por exemplo, um determinado processo educativo ser compreendido a partir das reflexões empreendidas sobre as relações cotidianas entre professores e alunos na sala de aula. Quanto mais abstrações (teoria) pudermos pensar sobre esta categoria simples, empírica (relação professor/aluno), mais próximo estaremos da compreensão plena do processo educacional em questão.

Segundo Saviani (1994) faz-se necessário retomar um discurso crítico, onde se leve em consideração às relações entre educação e condicionamentos sociais, de maneira em

que não se possa dissociar prática social de prática educativa. O objetivo da prática educativa é que o aluno compreenda o saber historicamente produzido e que o homem não nasce sabendo, ele se torna homem pelo trabalho e conforme se apropria do que foi produzido pelas gerações que o antecederam. Nas próprias palavras do autor:

O homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e agir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. (SAVIANI, 1994, p. 7).

Em Marx, percebe-se que a lógica dialética permite e exige o movimento do pensamento, a materialidade histórica diz respeito à forma de organização dos homens em sociedade através da história, isto é, diz respeito às relações sociais construídas pela humanidade durante todos os séculos de sua existência.

Para o pensamento marxista, a materialidade histórica pode ser compreendida a partir das análises empreendidas sobre o trabalho, categoria central nas relações dos homens com a natureza e com os outros homens porque esta é sua atividade vital. Isto quer dizer que, se o caráter de uma espécie define-se pelo tipo de atividade que ela exerce para produzir ou reproduzir a vida, esta atividade vital, essencial nos homens, é o trabalho – atividade pela qual ele garante sua sobrevivência e por meio da qual a humanidade conseguiu produzir e reproduzir a vida humana (Marx, 2004).

Para além das representações e das significações que o ser humano constrói, há um mundo de acontecimentos que é passível de ser conhecido e estudado. Tais acontecimentos podem ser sintetizados em conceitos e categorias carregadas de contradição no e pelo pensamento. O materialismo histórico-dialético diz respeito a este processo. (FREITAS, 2008, p. 7)

O trabalho, por sua vez, é categoria central de análise da materialidade histórica dos homens porque é a forma mais simples, mais objetiva, que eles desenvolveram para se organizarem em sociedade. A base das relações sociais são as relações sociais de produção, as formas organizativas do trabalho. Se o trabalho, como atividade essencial e vital traz a possibilidade de realização plena do homem enquanto tal (humanização), a exploração do trabalho determina um processo inverso, de alienação. Sob a exploração

do trabalho, os homens tornam-se menos homens, há uma quebra na possibilidade de, pelo trabalho, promover a humanização dos homens.

A constatação de que a divisão do trabalho “enfraquece a capacidade de cada homem individualmente considerado” e comporta “o debilitamento e empobrecimento da atividade individual”, Marx também a encontra nos economistas, mas é dele a definição histórico-dialética da divisão do trabalho como nada mais que “a expressão econômica da sociabilidade do trabalho na condição *histórica* da alienação humana”, isto é, da propriedade privada. (MANACORDA, 1991, p. 41)

Esse movimento contraditório humanização/alienação interessa muito à educação. Parece que esta questão é fundamental para a organização do processo educacional. É válido refletir, então, se a educação está a serviço da humanização ou da alienação, cuja resposta está na própria prática educativa como forma de construção de conhecimento. O conhecimento, como instrumento particular do processo educacional, pode ser tratado de forma a contribuir ou a negar o processo de humanização.

Nesse sentido, pensemos sobre o que é a educação: “o trabalho educativo é o ato de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. (SAVIANI, 1994, p. 24).

A humanidade, produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens, diz respeito ao conjunto de instrumentos (objetos, ideias, conhecimento, tecnologia, etc.) com os quais os homens se relacionam com a natureza e com os outros homens para promover a sobrevivência. A forma histórica de produzir a humanidade chama-se trabalho, portanto a centralidade do trabalho nas relações sociais diz respeito também à educação.

Dentre os diversos autores marxistas que vêm discutindo as relações entre trabalho e educação, destacamos aqui Frigotto (2001), Manacorda (1991) e Enguita (1989) – os quais apontam que, para que a educação seja um instrumento do processo de humanização, o trabalho deve aparecer como princípio educativo.

O ensino, enquanto ensino industrial, isto é, união de ensino e trabalho produtivo ou *fabrikation*, que tem por método um estágio inteiramente desenvolvido no sistema de produção, procurará alcançar o fim educativo de evitar nos jovens toda unilateralidade e de estimular-lhes a onilateralidade, com o resultado prático de torná-los disponíveis para alternar a sua atividade, de modo a satisfazer tanto as exigências da sociedade quanto as suas inclinações pessoais. Na origem dessa opção pedagógica, está a hipótese histórica da divisão do trabalho e da conseqüente divisão não apenas da sociedade em classes, mas também do próprio homem, encerrado como está em sua unilateralidade; está também a exigência da recuperação da unidade da sociedade humana em seu todo e da onilateralidade do homem singular, numa perspectiva que une, ainda que num rápido aceno, fins individuais e fins sociais, homem e sociedade. (MANACORDA, 1991, p. 38)

Percebe-se aí que a educação não pode estar voltada para o trabalho de forma a responder às necessidades adaptativas, funcionais, de treinamento e domesticação do trabalhador, exigidas em diferentes graus, pelo mundo do trabalho na sociedade moderna, mas sim que a educação pode ter como preocupação fundamental o trabalho em sua forma mais ampla, socialmente útil. Analisar o processo educacional a partir de reflexões empírico-teóricas para compreendê-lo em sua concretude, significa refletir sobre as contradições da organização do trabalho em nossa sociedade, sobre as possibilidades de superação de suas condições adversas e empreender, no interior do processo educativo, ações que contribuam para a humanização plena do conjunto dos homens em sociedade.

As dificuldades do marxismo para olhar de maneira não idealista a escola demonstram a força do idealismo no campo do discurso escolar. Durante muito tempo, os marxistas dedicaram-se meramente a discutir se onde se ensinava isto devia-se ensinar aquilo ou se tinham acesso poucos ou muitos filhos da classe operária aos níveis não obrigatórios, o que é o mesmo que dizer que permaneceram encerrados na dupla problemática do conteúdo do ensino e da Igualdade de oportunidades. Teve-se que esperar até Althusser para que o marxismo

analisasse a escola como cenário e trama de relações sociais materiais em vez de como limbo das ideias. Mas antes, ao mesmo tempo, ou pouco depois, outras correntes de pensamento começariam já a abrir o caminho para a análise das práticas escolares. (ENGUIITA, 1989, p. 137)

Tendo em vista que os homens se caracterizam por um permanente vir a ser, a relação entre os homens não está dada, mas precisa ser construída material e historicamente. O trabalho, como princípio educativo, traz para a educação a tarefa de educar pelo e para o trabalho – isto é, para o trabalho amplo, no seu sentido ontológico, filosófico, que se expressa na práxis.

É evidente, porém, que em alguns momentos do processo educacional, especialmente no que diz respeito à formação profissional, a aprendizagem de habilidades, práticas e ações imediatas são necessárias, mas o que vale aqui se destacar é que o processo educacional é mais amplo, não se esgota na dimensão prática, exige a construção da formação em sua totalidade, tem que contribuir para a formação de homens plenos.

Nesse sentido, esperamos que esta discussão traga reflexões pertinentes à educação, contribuindo para a formação de educadores ao se refletir sobre o desafio de superar a lógica formal da ciência moderna nas relações educativas e promover, assim, o estreitamento cada vez maior entre sujeito e objeto no processo educativo entre escola e vida, escola e trabalho. A construção de ações mais filosóficas, mais pensadas, mais completas, mais cheias de movimento lógico, permitirá que o agir pedagógico torne-se mais relacionado à realidade concreta.

Tal abordagem evidencia uma reflexão da realidade no contexto educacional e destaca que o método aqui discutido possa servir como instrumento que contribua para que cada educador construa sua prática profissional por meio de leituras mais amplas da realidade vivenciada.

3 Considerações Finais

O intuito desse trabalho é promover uma reflexão sobre a lógica da educação, compreendendo-a através da abordagem marxista. Assim como também contribuir para que aqueles nela envolvidos percebam as relações que se estabelecem no contexto de sua realidade histórica.

Dentre as situações aqui discutidas, no contexto do método do materialismo histórico-dialético, é viável considerar que dada a realidade posta na educação, não apenas a constatação da situação histórica, mas também das próprias relações que se estabelecem entre sujeito/objeto, o maior desafio ainda é a superação. Ou seja, o maior desafio é permitir que na ação cotidiana o pensamento faça movimentos lógico-dialéticos na interpretação da realidade, com o objetivo de compreendê-la para transformá-la.

Nesse sentido reportamo-nos a Feuerbach quando diz que “*os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo*”. (Tese XI sobre Feuerbach publicadas junto a *Ideologia Alemã* - Marx, 1979; p. 111)

4 Referências

CURY, Carlos Roberto Jamil. Políticas da educação: um convite ao tema. In: FAVERO, Osmar; SEMERARO, Giovanni. (Orgs.). **Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro**. Petrópolis RJ : Vozes, 2002, p. 147-161.

ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREITAS, L. C.. **Materialismo histórico dialético**. In: I Seminário de Pesquisa do Setor de Educação do MST, 2008, Luiziania. Anais do I Seminário de Pesquisa MST. Brasília: MST, 2008.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

SAVIANI, D.. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Autores Associados, 1994.